

O BRASIL E O ABISMO

11. IX. 57

Em recentes declarações feitas à imprensa, o sr. Osvaldo Aranha criticou acerbamente os pessimistas e, contes-tando a conhecida imagem, declarou não haver abismo suficien-temente grande para tragar o Brasil.

Se havemos de aferir o estado da coletividade pelos nos-sos interesses, toda razão tem o eminente homem público em ser optimista. A sua carreira, verdadeiramente vertiginosa, fala por si mesma. Como poderá ser pessimista o homem que a fez? Como não acreditar no país que a tornou possível? Lembre-mo-nos das dificuldades de tôda ordem que atormentaram, em 1930, o secretário demissionário do sr. Getúlio Vargas no go-vêrno do Estado, e comparemo-las com o fastigio a que rá-pidamente ascendeu: pessimista não poderia ser quem por tal maneira foi favorecido. O Brasil é realmente um grande país, feito para grandes homens. E, enquanto êstes sobrenada-rem, o País sobreviverá com êles...

Infelizmente, para poucos, muito poucos é esta filoso-fia optimista. Muito diferente é a realidade para a imensa maioria, para a quase totalidade dos brasileiros. O que êles vêem e sentem é a fome a estender-se cada vez mais; são as negociatas aluindo a economia; é a corrupção dissolvendo as instituições; é a política cada vez mais transmudada em in-dústria, indústria grandemente rendosa para poucos e ruino-sa para a Nação.

Assim, se o ilustre sr. Osvaldo Aranha tem razão para ser optimista, pois das suas aspirações só não realizou ainda a presidência da República, para mortal pessimismo tem mo-tivos a imensa massa dos que trabalham e cada vez mais di-fíceis estão sentindo as condições do seu trabalho. Como ser optimista, quando tudo vai cada vez pior e não dá sinais de poder melhorar?

Não há país que não tenha atravessado as suas cri-ses mais ou menos graves. E' da vida: a largos intervalos sur-ge a necessidade de reajustamento; tal reajustamento é a crise. Mas, por natureza transitórios são tais fenômenos. Ou não seriam críticos. Passados êles, o país retoma o seu cami-nho normal. Entre nós, porém, houve uma crise, por volta de 1929 e 1930. Esta crise provocou uma revolução, logo de co-mêço desviada dos seus rumos e ideais. O mote dos vencedo-res foi êsse: ôte-toi de là, pour que je m'y mette, isto é, sai daí, para que eu tome o teu lugar. Desnecessário é lembrar que um dêsses felizes vencedores foi justamente o sr. Osval-do Aranha, que, com o sr. Getúlio Vargas e alguns mais, logo tomou posse do que proclamava ser um «deserto de homens e de idéias.» E, desde então, o Brasil começou a descer, a des-cer, e o que era simplesmente crise, isto é, um processo de rea-ção vital, desfechou num continuo processo de decomposição, a que ainda não se vê termo. «Sempre para pior», parece ser o nosso mote.

Em tal situação os que vêem o abismo e procuram evi-tá-lo, são os pessimistas, que por isto se increpam de impatrio-tas. Os que não o vêem, ou não o querem ver, são os optimis-tas, que, por isto, se dizem patriotas, pois confiam cegamen-te, e nem sempre sinceramente, nos destinos do Brasil. Onde estarão, porém, os realistas, isto é, os homens capazes de ver e julgar sem paixão?

Com os optimistas não podem estar, tão caótica é a si-tuação em que nos encontramos e que cada vez mais se agra-va. Pode não ser desesperada a situação do País, mas sofri-vel certamente não é. Com os mais pessimistas podem não es-tar, mas, por certo, muito mais próximos estão êles da rea-lidade brasileira. E, se o País ainda puder salvar-se, não será por obra dos optimistas, que o seu bem confundem com o bem do Brasil, mas dos pessimistas que, apontando o perigo, estão tomando a primeira providencia para o evitar, que é conhe-cê-lo.

Não sabemos se o abismo, para onde estamos corren-do, será suficientemente grande para receber o País. O sr. Osvaldo Aranha, pelo contrário, já o deve ter medido. Mas que muita gente anda a dilatá-lo e aprofundá-lo, para que nele possa caber folgadoamente o Brasil, é o que todos os dias estamos vendo.